

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRITORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 35.

QUINTA FEIRA, 8 DE MAIO DE 1851.

10.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

V.

382 Se houver quem affirme que algum dia as gerações futuras lançarão em rosto á presente o seu atraso na civilisação; se repetirem suas queixas infundadas certos homens que estão presenciando o adiantamento do seculo, seus descobrimentos, rapido progresso, e zelo incançavel para aproximar-se da perfeição, objecto principal a que deve aspirar a humanidade, responderemos com um argumento irresistivel, com um facto grandioso, com um extraordinario successo, destinado a caracterisar o seculo em que se verifica e a dar gloria á nação que o poem por obra. O grande pensamento de abrir um certame universal da industria é sem duvida alguma a melhor prova dos adiantamentos da época, e que lança por terra as muitas incriminações que dirigem ao seculo XIX os que vendo as coisas atravez do prisma fatal do egoismo, sómente qualificam de bom o que traz origem de tempos antigos e consideram os actuaes como arremedo, como copia servil de seus predilectos.

Se a nossos antepassados se houvera dicto que chegaria um dia em que poderiam admirar-se n'um local os productos principaes de todas as nações devidos á industria do homem, que se fallariam alli todas as linguas, que se encontrariam os productores e consumidores dos paizes mais remotos, que se revelariam talvez grandes segredos das artes para maior aperfeiçoamento de todas — seguramente não o acreditariam por julgarem impossivel de realizar-se um tal plano. — Não tendo idéa do vapor e dos caminhos de ferro, não poderiam conceber como se transporiam em praso breve as grandissimas distancias dos mares e de paizes longinquos.

Vejamos agora o que se passa na capital de Inglaterra.

Á vida e animação que por toda a parte infunde a primavera, especialmente alli, onde o clima é tão desigual e o inverno tão duradoiro, reune-se o grande movimento de nacionaes e estrangeiros, que anciosos espe-

ram o principio de Maio para presenciar a abertura de um edificio magnifico, costeados em suas despesas pelos commerciantes e industriaes inglezes, e que pela sua construcção se denomina o palacio de christal. Já desappareceram os andaimes e madeiramentos, collocados para as obras interiores de adorno e pintura; e percorrem todas as partes do edificio grande numero de serventes com fardos de mil classes, sem que até a data das ultimas noticias acontecesse avaria alguma na multidão de objectos comprehendidos em mais de dez mil fardos, sendo alguns destes objectos de summa delicadesa,

A immensa galeria central do palacio acha-se occupada por soberbos grupos estatuarios. A rainha Victoria, acompanhada do principe Alberto e dois filhos fez uma visita ao edificio, e a primeira coisa que observou foi a sua estatua equestre inaugurada na frente da entrada; devia ficar satisfeita pela notavel perfeição com que está esculpida e o porte magestoso com que a figurou o auctor. Segue-se um grupo em marmore, encantador sob qualquer aspecto que se contemple, já pela arte da composição, já pela belleza das formas; representa duas amazonas e um argonauta, e é propriedade de S. M.: foi seu auctor um artista hungaro por nome Engel, que ao presente reside em Londres.

Os trabalhos ainda estavam bastante atrasados e pareceria impossivel achar-se tudo nos logares correspondentes em o 1.º de Maio, se de um modo irrevogavel não tivesse já dado ordem para a abertura nesse dia a commissão executiva ingleza.

A Exposição Universal não durará menos de quatro mezes nem mais de seis, de modo que não fechará antes de fins d'Agosto, e é provavel que continue até o fim de Outubro. Para este periodo se preparam grandes festas, esplendidos bailes, concertos magnificos e toda a casta de funcções que converterão Londres n'um paraíso.

As commissões estrangeiras foram appresentadas a S. M. pelas embaixadas respectivas, e formou-se um jury para a distribuição das recompensas, composto de 270 individuos, metade inglezes e outra metade dos outros paizes do globo, do modo seguinte:

França 33 — Estados-Unidos 21 — Zollverein (liga allemã) 19 — Austria 15 — Belgica 8 — Prussia 6 — Italia 6 — Suissa 4 — Allemanha do norte 3 — Tur-

quia 3 — Brasil e Mexico 3 — Hispanha 3 — Portugal 2 — Hollanda 2 — Egypto 2 — Arabia e Persia 1 — Grecia 1 — Dinamarca 1 — Tunes 1 — Suecia 1 — Total 135.

Este jury será dividido em 30 secções ou jurados distinctos para cada uma das trinta classificações que se fizeram dos objectos industriaes. Os presidentes dos trinta jurys especiaes comporão uma junta denominada conselho dos presidentes em que entrarão tantos inglezes como estrangeiros, e cujo primeiro cuidado será fazer o regulamento para o jury. Pertence mais ao conselho decidir os casos em que devem conceder-se as medalhas de primeira, segunda e terceira classes, e estabelecer as regras geraes segundo as quaes se devem conferir os premios. — Os primeiros se concederão aos productos que tiverem superioridade notavel de qualquer classe que seja, e não por consideração ás vantagens de uma concorrência individual. As tres classes de medalhas serão adjudicadas ás diferentes especies de productos, e não em relação ao maior ou menor merito de um mesmo producto.

As medalhas dos premios serão todas de bronze, distinguindo-se as suas classes pela differença nos tamanhos e cunhos. A razão da preferéncia dada a este metal é por ser o mais proprio para brilhar o merito dos artistas gravadores, e representar melhor os objectos desenhados. Tambem haverá premios pecuniarios, mas para estes não se fixaram regras, e se applicarão segundo os casos especiaes.

Os presidentes dos jurados se reunirão pela primeira vez aos 5 de Maio corrente e os juizes jurados a 10 do mesmo mez.

Estão já fixados os preços dos bilhetes de entrada do publico em a Exposição visto que não podia ser gratuita, attendendo-se ao immenso numero de espectadores que se amontoaria ás portas do palacio de cristal, e tambem ás consideraveis despezas que na sua edificação se fizeram. Igualmente se considerou que nos primeiros dias os preços da entrada deviam ser mais subidos, por isso que ha de ser mais pungente a curiosidade; finalmente marcou-se differença de preços para os diferentes dias da semana com o objecto de evitar a confusão o mais que for possivel. Partindo destas supposições, estabeleceram-os os seguintes preços.

Bilhete pessoal para todo o tempo da Exposição custará tres libras esterlinas e tres xelins para homem, e duas libras e dois xelins para senhora. Estes bilhetes não podem emprestar-se a outra pessoa, e dão direito ao proprietario de entrar no palacio da Exposição sempre que estiver franco ao publico.

Nos dias segundo e terceiro immediatos ao da abertura, o preço de cada entrada será uma libra esterlina; no quarto dia cinco xelins, e irá assim descendo até um xelim para o dia 22 depois da abertura. A contar do dia 22 os preços serão; nas segundas, terças, quartas e quintas feiras, um xelim; nas sextas dois xelins e meio; nos sabbados cinco xelins. Nos sabbados não se abrirá a Exposição ao publico antes da uma hora da tarde, no resto da semana será mais cedo.

Segundo um calculo, feito por um jornal estrangeiro os preços dos bilhetes de entrada produzirão em quatro mezes de Exposição 150.000 libras esterlinas (seiscentos contos de réis).

Entre as pessoas notaveis que em particular tem visitado o palacio de cristal numerá-se o duque de Wellington. Dirigiu-se este ao edificio na quarta feita 23 do passado, acompanhando-o sua nora, a marquezã do Doiro: encaminhou-se para a parte do nascente ao repartimento destinado á Exposição estrangeira, e parou a examinar um dos expositores que tirava de um caixote de madeira de carvalho varios objectos custosos de oiro e prata. No momento em que se aproximava o ancião general, desempacotava-se um par de pequenas estatuas equestres de prata, representando o proprio duque e o seu formidavel rival Napoleão. O illustre capitão sorriu-se com este incidente, que ministrou o assumpto a uma gravura do *Illustrated London News*.

O dia 1.º de maio é o destinado para o acto da abertura solemne da Exposição, que será verificada pessoalmente por S. M. B. Os commissarios regios, depois de uma reunião em 22 de Abril, publicaram o programma deste acto. Estão destinados logares para o arcebispo de Canterbury, os membros do ministério, os officiaes mores da corôa, os embaixadores estrangeiros etc. — A rainha Victoria, acompanhada da real familia, de seus hospedes estrangeiros, com o prestito de dias de gala, sahiria de Buckingham-palace, para entrar no edificio da Exposição pela porta do norte, ao meio dia. Logo que a rainha tenha occupado a sede que lhe estará preparada, S. A. R. o principe Alberto, á frente dos commissarios regios, lerá e entregará a S. M. um breve relatorio dos actos da commissão, juntando-lhe o catalogo dos objectos expostos. Assim que S. M. tiver respondido, o principe Alberto tomará assento a par de sua augusta esposa; e o decano do corpo diplomatico, lerá uma allocução dirigida á rainha em nome das nações que concorreram á Exposição, e a que S. M. se dignará dar resposta.

O arcebispo de Canterbury recitará a oração, seguida de uma breve antiphona cantada pelo mesmo choro que entoou o hymno «God save the Queen» á entrada da rainha.

Finda a cerimonia, o prestito real percorrerá o edificio, e voltando S. M. ao tablado onde fôra collocada a cadeira de estado e teria logar a sobredita cerimonia, declarará aberta a exposição, o que será anunciado pelo toque de trombetas e uma salva real: as portas então serão franqueadas ao publico.

CONGRESSO DA AGRICULTURA NA PRUSSIA.

II.

383 A memoria appresentada por parte do governo começa pela narração historica dos fundos consagrados até agora na Prussia aos melhoramentos agricolas. Desde Frederico o Magno até os nossos dias, o estado tem para esse fim empregado sommas consideraveis. Não sómente poz em pratica dessecamentos de paues, e represas de agua e outros trabalhos em larga escala, mas tambem fez adiantamentos a particulares para ajudal-os a melhorar suas cultivações, e estabelecer prados artificiaes, a effectuar arroteamentos, a res-

gatar-se de censos ou encargos, etc. E esses fundos eram emprestados a juros modicos, combinados com um systema de amortisação. Além disso, eram de ordinario destinados exclusivamente a determinadas provincias ou districtos, que ás vezes augmentavam as sommas fornecidas pelo estado, accrescentando-lhes recursos particulares. É incontestavel que estes auxilios prestavam grandes serviços; porém ainda mais importantes teriam feito se houvessem sido administrados segundo principios fixos, ou fossem de tanta monta que podessem ser repartidos por todo o reino. São estes os dois objectos que se pertende agora conseguir. E para tal designio a memoria citada propoem, primeiro a divisão dos fundos para melhoramentos em duas classes bem distinctas; a saber:

Fundo central — applicavel a grandes empresas que abrangem uma região toda, e exigem grandes despesas.

Fundos provinciaes — destinados a melhoramentos em pequena escala, que se estendem só ao territorio de uma ou mais communes, ou que se applicam apenas a uma fazenda separada.

O congresso sómente foi consultado ácerca dos melhoramentos da 2.^a classe. — Para abreviar passaremos ás votações emittidas pelo congresso e ás propostas da sua commissão. — A divisão acima mencionada foi aceita; mas ao contrario respondeu-se negativamente á questão — se convinha subdividir os fundos por districtos.

O principio de repartição suscitou viva discussão. Um membro propoz repartir os fundos conforme um principio baseado simultaneamente na superficie, na população e nos impostos directos; outro pensou que a população combinada com a totalidade dos impostos seria melhor regra. Deixando de parte as contribuições, como elemento do principio de repartição, a maioria não admittiu se não as outras duas bases, a superficie e a população.

Decidiu-se depois que as sommas facultadas aos departamentos deveriam constituir uma dotação especial para cada um delles, sem lhes poderem ser retiradas durante vinte annos. O fundo de amortisação deveria elevar-se a 18.750.000 francos para todo o reino, e seria formado pedindo ao orçamento durante dez annos uma somma annual de 1.875.000 francos. Os fundos departamentaes seriam administrados, sob a inspecção do estado pelos conselhos departamentaes, que requeriam o parecer dos comicios agricolas e dos conselhos de districto antes de conceder os fundos; e para vigiar o seu emprego haveria commissões locais especiaes.

Pelo que respeitá ás seguranças que convém tomar, á recepção dos juros, e á amortisação e reembolso dos adiantamentos, o congresso pensou o seguinte:

1.^o Que não se deveriam exigir de um modo absoluto seguranças baseadas em penhor ou em hypotheca; mas, segundo as circumstancias se poderiam contentar, por sommas prestadas a curtos prazo, ou com um fiador, ou sómente com a confiança inspirada pelo tomador do emprestimo (credito pessoal).

2.^o Que se deveria, tambem segundo as circumstancias fazer o adiantamento em muitos pagamentos successivos.

3.^o Que os adiantamentos deviam sempre ganhar juro.

4.^o Que se deveria um minimo para os juros (actualmente 3½ por cento por exemplo).

5.^o Que se admittiriam periodos diversos para a amortisação.

6.^o Que se poderiam conceder os fundos durante alguns annos (o maximo cinco annos) sem juros nem amortisação.

7.^o Que o periodo de amortisação o mais longo seria de vinte e cinco annos.

8.^o Que no caso de não serem empregadas as sommas prestadas segundo as convenções, ou de não serem pagos regularmente os juros e amortisação, se possam fazer recolher uns ou outros pela via administrativa (quasi sem despesas).

Finalmente admittiu-se a faculdade de um reembolso inteiro ou parcial, independente de amortisação.

A proposta de fixar uma taxa geral de juro para todo o reino foi regeitada.

Outro grupo de questões ou propostas discutidas pelo congresso pede ser designado pelo titulo geral de fomento ou *incentivos* á agricultura. Póde-se promover a agricultura de mil diversos modos. Rigorosamente, tudo quanto se faz em seu beneficio, instituições de credito, eschólas especiaes, vias de communicação, etc., são outros tantos meios de fomento. Mas, concordou-se em dar um sentido mais restricto a esta palavra: e todos os annos uma verba do orçamento com esta denominação poem uma certa somma á disposição de muitos governos da Europa. A memoria explicativa da primeira questão submettida ao congresso pelo ministro da agricultura na Prussia dá particularizadas informações sobre as quantias concedidas por este paiz, e o modo porque são empregadas.

O fundo destinado na Prussia para o fomento da agricultura foi em 1844 de 137.500 francos — em 1845 de 115.545 francos — em 1846 de 190.969 francos — em 1847 de 284.719 francos. E o algarismo normal actual está fixado em 303.569 francos, somma muito inferior á que figura para o mesmo objecto no orçamento francez, sobre tudo juntando-se-lhe as despesas da instrucção, comprehendidas naquella verba da Prussia. Eis a distribuição destes fundos.

| | |
|---|------------|
| Para experiencias scientificas agricolas... | 18:750 fr. |
| » Ensino superior agricola..... | 75:000 » |
| » Idem, inferior..... | 56:350 » |
| » Das quintas-modelos (pequena cultura)..... | 37:500 » |
| » Ordenados dos secretarios geraes das sociedades de agricultura..... | 18:469 » |
| » Despesas diversas das sociedades... | 22.500 » |
| » Diversos subsidios para impulso da agricultura..... | 75:000 » |
| | <hr/> |
| | 303:569 » |
| | <hr/> |

A distribuição dos premios e recompensas (proposta n.^o 6) foi reconhecida poderoso meio de fomento. A utilidade das exposições dos productos agricolas (n.^o 15) não foi menos favoravelmente julgada, e o con-

gresso exprimiu seu voto neste sentido. A questão dos ensaios ou experiencias agricolas (n.º 5) deu logar a uma discussão interessante, que rematou nas conclusões seguintes:

Rogar ao governo:

1.º que collocasse os institutos agronomicos, fundados ou subsidiados pelo governo, no estado de consagrar cuidados regulares e permanentes aos ensaios agricolas:

2.º que concedesse os fundos necessarios para que igualmente houvesse, nas provincias destituidas de institutos agronomicos, campos para experiencias confiados a agricultores distinctos:

3.º que em geral as sociedades da agriculturs sejam apoiadas nos esforços que fizerem neste sentido, e que se lhes concedam subsidios especiaes.

O que distingue particularmente o congresso, cujos trabalhos analysamos, é que dirigindo a sua attenção tanto á theoria como á pratica, discutindo questões economicas e sociaes, bem como questões puramente agricolas, tratou com especial desvelo das que dizem respeito aos pequenos cultivadores e aos agentes salarizados da agricultura; e as questões desta natureza eram mui numerosas; infelizmente, muitas dessas propostas importantes são de mui difficilissima resolução; mas, nem por isso deixa de ser acto assás meritorio tel-as discutido. Mencionaremos por exemplo a n.º 9, concernente ás industrias accessorias dos pequenos cultivadores e dos jornaleiros. A sociedade central ha muito tempo que trata de procurar os meios proprios para se aproveitarem por um trabalho lucrativo as frequentes folgas, e sobre tudo os longos serões de inverno dos camponeses e dos operarios agricolas: os seus esforços não tem sido complemente estereis; mas quiz dar-lhes novo impulso, submettendo aquella proposta ao congresso; e ao mesmo tempo encarregou Mr. Weyhe, um de seus membros, de expor os principios que a guiaram em suas investigações.

Segundo a interessante memoria de Mr. Weyhe, o problema não poderia ser resolvido de um modo geral; porque as circumstancias locaes, os habitos e costumes de um paiz tem a maior influencia na resolução do mesmo. O que fosse util n'um districto poderia não o ser no outro; por isso cumpre ter muita attenção na escolha entre diversas industrias, a fim de recommendar só a que tem probabilidades de ser acceita. Todavia é certo que essas industrias só devem empregar materias primeiras produzidas no paiz, e que se podem obter com facilidade; que só requeiram mui tenues desembolsos ou mesmo nenhum; e que para as exercer não se careça de grande destreza, nem de longa aprendizagem. São industrias desta natureza, por exemplo;

1.º A cultura do linho, tão susceptivel de ser praticada em pequena escala.

2.º A fiação do linho. O fio feito á mão tem grande superioridade sobre o que procede de trabalho de maquinas, e sustentaria facilmente a concorrência, sobre tudo se se introduzissem as rodas, mediante as quaes se fazem dois fios ao mesmo tempo.

3.º As operações de torcer e ordir o fio.

4.º A cultura e preparo do canhamo.

5.º As obras em palha (chapéus, esteirões, cestas, etc.)

6.º Certos trabalhos em madeira (tamancos, escudelas, culheres, cabos de martello, de machados, de vassouras, etc.)

7.º Obras em junco, em vime, etc

8.º (Por lembrança) — a criação dos bichos da seda.

A discussão apenas accrescentou a esta nomenclatura a criação das abelhas: a maioria dos membros do congresso insistiu bastante nas vantagens da cultura e fiação do linho.

Os meios recommendados para a propagação destas industrias são premios ou recompensas, ou o ensino e a influencia pessoal dos homens mais distinctos do cantão.

A proposta n.º 10, immediata a que acabamos de analysar, assenta um problema ainda mais difficil: tambem não achamos no *relatorio* meio algum de augmentar os salarios. O congresso limitou-se a exprimir o desejo de que se forme uma estatistica, que tenha por objecto determinar:

1.º De quantos dias de trabalho agricola carece cada cantão ou districto.

2.º Qual é o numero de braços disponiveis para a agricultura dentro dos mesmos limites territoriaes.

O presidente do congresso, M. de Beckedorf, communicou nesta occasião uma serie de factos, que ommittimos, por quanto assentamos que o que fica dicto demonstrará sufficientemente a importancia dos trabalhos do congresso central da agricultura na Prussia.

(Continúa.)

A INDUSTRIA NO BRAZIL.

RELATORIO DOS TRABALHOS DA SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDUSTRIA NACIONAL NO DECURSO DO ANNO FINDO DE 1850, ENVIADO AO GOVERNO IMPERIAL EM CUMPRIMENTO DO AVISO DO MINISTERIO DO IMPERIO DE 5 DE DEZEMBRO DO DITO ANNO.

384 Illm.º e Exm.º Sr. — Em cumprimento do aviso de 5 de Dezembro do anno proximo passado, a Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional tem a honra de enviar a V. Ex.ª o relatorio de seus trabalhos no decurso do mesmo anno, acompanhando-o com alguns apontamentos sobre o que ella julga conveniente fazer-se em beneficio da industria nacional, como lhe foi ordenado no mesmo aviso.

Os requerimentos sobre privilegios e outros objectos industriaes sobre os quaes o governo imperial se dignou consultar a sociedade, e alguns que lhe foram submettidos directamente por particulares, occuparam activamente as suas commissões, e alimentaram as discussões do seu concelho.

O seu jornal tem sahido regularmente, e a sociedade tem feito a diligencia possivel para que esta publicação satisfaça ás necessidades industriaes, para as quaes este jornal foi creado. Se os resultados obtidos não correspondem a seus desejos, é isto devido não sómente a difficuldades materiaes com que tem de luctar as publicações deste genero, como tambem e principalmente pelos poucos meios de que a sociedade póde dispor.

Não é sómente nesta parte que a sociedade lamenta

não poder concorrer mais eficazmente para o progresso da industria. Se ella tivesse meios sufficientes para estabelecer o ensino theorico e pratico de materias industriaes, de conferir premios, fazer adiantamentos pecuniarios aos iudustriosos, manda buscar sementes e machinas, a sociedade teria consciencia de bem cumprir o seu dever, e a satisfação de fazer crescer e prosperar a industria no paiz; porém a sociedade dispondo de uma renda insignificante, pouco póde fazer.

Convencida da pouca efficacia de seus esforços em quanto não tiver uma renda sufficiente, ella diligencia, á custa da mais restricta economia, formar um capital que para o futuro lhe permita fazer face ás mais urgentes necessidades da industria.

Mas, em quanto ella não poder dar completo desenvolvimento aos seus fins por meio de suas proprias rendas é-lhe forçoso recorrer á illustrada protecção do governo imperial, que tão benigno se tem mostrado para com ella.

Nos precedentes relatorios, a Sociedade tem lembrado a conveniencia da criação de aulas de chimica, geometria e mechanica applicada ás artes, e o estabelecimento de uma eschóla normal de agricultura theorica e pratica. O ensino industrial fabril e agricola é uma necessidade cada vez mais urgente; e a Sociedade espera que o governo imperial tenha em lembrança estes seus requerimentos em tempo opportuno.

A Sociedade recebeu e fez distribuir as sementes que lhe foram remetidas pelo governo imperial. O trigo foi enviado para as provincias do Sul, e tambem para algumas do Norte; o algodão e o fumo para todas as do imperio. Nesta cõrte distribuiu-se grande copia de todas estas sementes, e a Sociedade observou, com satisfação, a grande demanda que ellas tiveram, principalmente as de fumo e algodão herbaceo.

Tambem tem feito distribuir as cannas cayannas que lhe foram ultimamente remetidas; mas os pedidos tem sido em tão grande numero, que muito conviria repetir-se, e por mais de uma vez, outras remessas do Pará, para o que a Sociedade sollicita novas ordens.

A renovação das sementes, para prevenir a degeneração completa das especies, é um preceito da sciencia agronomica; a verdade deste preceito se verifica com a canna denominada cayanna, transplantada do equador para as provincias do Sul. Pelo que consta, esta canna tem degenerado muito, principalmente no municipio de Campos.

Seria igualmente de grande conveniencia, sobre tudo para certas provincias do Norte onde se cultiva o algodão em grande escala, distribuir novas sementes do algodão herbaceo, e mandar vir dos Estados-Unidos sementes do excellente algodão cultivado na Georgia e na Carolina do Sul, conhecido debaixo do nome de — algodão das ilhas do mar (Sea Island cotton), a melhor das especies conhecidas.

O algodão denominado herbaceo tem produzido excellentemente em todos os lugares para onde a sociedade enviou sementes, e de que tem noticia. A conveniencia de sementes do algodão desta especie resulta não sómente da sua bondade e facilidade da sua cul-

tura, como tambem porque, constando a deterioração successiva da especie até hoje cultivada, a renovação das sementes deve regenerar a cultura e reanimar o agricultor.

A sociedade recebeu uma maquina de descaroçar o algodão arborescente, que lhe foi enviada pelo ministerio do imperio. Esta maquina tem defeitos notaveis, e não é certamente digna de imitação; porém ainda que fosse perfeita não serviria para descaroçar o algodão herbaceo. A sociedade possui o modello de uma propria para este effeito; mas sendo composta de um grande numero de pequenas serras, o algodão sahe muito cortado, e demais uma parte fica apegada ao caroço. Os fabricantes inglezes tem aperfeiçoado muito estas machinas, e á sociedade consta que hoje existe uma que desempenha perfeitamente tudo quanto se póde desejar de uma machina semelhante. Seria portanto da maior conveniencia obter-se o modello de uma destas machinas.

As sementes de trigo enviadas de Hamburgo pelo Dr. Schmidt vão ser remetidas para a Coritiba, á disposição do Sr. Barão de Antonina. A situação geographica dessa comarca, e as suas circumstancias peculiares, fazem crer á sociedade que a cultura desse utilissimo cereal deve prosperar muito alli. O milho denominado — dente de carvalho, ou antes — dente de cão, tem sido distribuido aqui na cõrte por varios agricultores.

No memorandum annexo encontrará V. Ex.^a o que a sociedade julga dever, por agora, sollicitar do governo imperial em beneficio da industria agricola.

Deus guarde a V. Ex.^a — Rio de Janeiro, 8 de Janeiro de 1851- — Illm.^o e Exm.^o Sr. Visconde de Monte Alegre, ministro e secretario de estado dos negocios do imperio. — Visconde de Abrantes — Presidente. — Dr. Frederico Leopoldo Cezar Burlamaque, secretario perpetuo.

Memorandum, a que se refere o supra relatorio.

Recommendação do governo imperial aos agentes consulares do imperio em todas as partes do mundo, para que enviem sementes e plantas de toda a natureza, taes como de arvores que possam ter qualquer uso util ou pela sua madeira, pela sua tinta, pela gomma ou resina que destillam ou pelo seu fructo; de legumes, grãos, etc. Estas sementes e plantas devem vir acompanhadas de memorias ou informações tão completas como fôr possivel sobre a maneira de as cultivar, terrenos que mais lhes convem, épocas de plantação, etc. Devem ser remetidas de espaço em espaço, 1, 2 ou 3 annos por exemplo.

Sementes ou plantas que designadamente se podem já mandar buscar;

1.^o De Portugal, as da arvore que dá a cortiça (Quercus suber) as do Ilex (azinheira) a que dá a noz de galha (Quercus coccifera).

2.^o Dos Estados-Unidos: Fumo da Virginia, do Maryland, Algodão herbaceo, Algodão das ilhas do mar (sea Island cotton), Milho, sobre tudo o denominado vermelho, e dente de cão.

3.^o De Havana, sementes das melhores especies de fumo, acompanhadas de uma descripção do seu cultivo, da sua colheita, e das manipulações em uso

para o arranjar em folhas proprias para a fabricaçã dos charutos.

4.º De Manilha, sementes de fumo, com as informações acima pedidas.

5.º Da Europa ou dos Estados-Unidos, sementes de trigo sobre tudo dos trigos duros, branco e vermelho, e de trigo Spelta.

6.º Da Africa, trigo de Pongo-Andongo, e arroz seco de Sofala.

7.º Do Pará, a maior porção possivel de plantas de canna cayanna.

8.º Do Maranhão ou do Pará, alguns sacos do seu arroz de qualidade, para renovar as sementes nesta provincia, e na de S. Paulo.

Modelo da machina de descaroçar algodão herbaeco, usada nas fabricas da Inglaterra.

Ensino. { 1.º Eschola de chimica applicada ás artes.
2.º Eschola de geometria e mecanica, idem.
3.º Eschola normal de agricultura theorica e pratica.

DEPRECIAÇÃO DO OIRO.

(Continuado de pag. 378.)

385 A seguinte é a nota do economista M. J. Garnier ao escripto de Ch. Coquelin, que trasladámos em alguns dos precedentes numeros.

« Adoptando completamente a opinião do nosso sabio collaborador (na redacção do *Jornal dos Economistas*) quereríamos que elle insistisse mais sobre a necessidade de indicar o pezo e o toque nas moedas de oiro e prata. Se é verdade que as denominações de *libras, francos, florins, pezos, rublos* etc. appresentam vantagens na pratica, não é menos verdade que tem o grave inconveniente de disfarçar o valor real das peças de moeda, e de ajudar a maioria do publico a crer que a fórma das moedas, as inscripções e as figuras ahi cunhadas, assim como a auctoridade publica e a convenção legal entram por alguma coisa, mesmo por muito, neste valor. É desta falsa crença que se originam os sophismas que conduzem á theoria da balança do commercio, tão fecunda em erros economicos, em tractados de commercio ridiculos, em actos absurdos de diplomacia, e que ainda são diariamente invocados, sobre tudo pelos proteccionistas. Nesta falsa crença prendem tambem em parte os erros numerosos divulgados a proposito da carestia de 1847 e da sahida de numerario para compra de mantimentos, e hoje mesmo a proposito desta questão de desmoedação que causou um verdadeiro panico e deu logar a tão singulares receios.

« O publico, lendo constantemente nas moedas a indicação do pezo e toque, se habituaria finalmente a considera-las sómente pelo que ellas valem, e como barras metalicas marcadas, e divididas em secções commodas para o uso. O valor de um franco já nada teria de cabalístico; seria o de um bocado de prata pezando cinco grammas e contendo um decimo de liga ou nove decimos de prata pura, isto é meio gramma de liga e quatro e meio grammas de prata pura; cinco francos appareceriam simplesmente como 25 grammas de prata com uma decima parte de liga ou 22 e

meio grãos de prata. Um sacco de mil francos não seria nem mais nem menos do que quatro e meio kilogrammas de prata pura, ou cinco kilogrammas com o decimo de liga. Se fôra possivel ter persuadido desta simples verdade, M. de S.-Priest, não teria feito a sua fatal proposta sobre a usura e a nossa assembléa não teria retrocedido para o centro da idade media.

« Os economistas, os cambistas, os ourives e os banqueiros, que fazem o commercio das materias metalicas, bem sabem que essas peças não valem senão pelo pezo e toque; mas todas as mais pessoas o ignoram; e já que não se quer dar-lhes na eschola primaria lições de economia politica elementar, seria mui util escrever-lhes o valor nas peças. Demais, este desejo que já exprimimos nos *elementos de economia politica*, depois de J. B. Say e os economistas dos fins do seculo passado, tinha-o querido realizar Clavière desde 1792. Este ministro da fazenda propoz nessa epocha fazer moedas denominadas — uma onça de oiro — e uma onça de prata; e entendia que fossem isentas de toda a liga. Mais tarde, a lei de 25 thermidor anno 3.º queria que se consignassem nas moedas o pezo e toque; mas não foi executada e substituiu-a a lei de germinal anno 12.º

« Cremos que seria util renovar as disposições da quella lei do anno 3.º pelo que toca á prata. As moedas actuaes tem todas um pezo regular, a saber as de cinco francos 25 grammas; as de dois francos 10 grammas; as de um franco 5 grammas; as de 50 centimos 2 grammas e meio; as de 25 centimos e 20 centimos um gramma e um quarto e um gramma. Quanto ás moedas de oiro tem um pezo irregular; as denominadas indevidamente de 20 e de 40 francos e que não tardariam a recobrar, depois da suppressão da relação legal, as velhas denominações de *luizes*, e dois luizes, *napoleões* e dois napoleões ou qualquer outra, pezam 6,451 grãos e meio e 12,903 grãos. Parece-nos que seria bom substitui-las por moedas de 5 e 10 grammas ou por outras divisões que se reconhecessem mais uteis para a circulação, e que tivessem analogia com as respectivas moedas estrangeiras. A este respeito observaremos que se deve desistir das moedas de grande valor, taes como a onça hespanhola. As notas de banco as substituem vantajosamente. As peças de cem francos que foram cunhadas nos primeiros annos do reinado de Luiz Philippe não tardou que fossem repelidas da circulação; difficilmente achavam troco.

« No concernente á liga, os auctores do systema metrico admittiram a proporção de uma decima parte para se conformarem á symetria decimal, por analogia com a duodecima (ou *dinheiro*) contidas nas antigas moedas de prata, ou com as duas vigessimas quartas partes (dois *karats*) contidas nas antigas moedas de oiro; e tambem porque se julgava que era necessaria uma certa porção de liga para tornar mais duro o metal impedindo-se o roçado da moeda. Mas os chimicos não tem sobre este ponto opinião sufficientemente asentada, e não é impossivel que algum dia se chegue a prescindir da liga. Então bastaria inscrever nas moedas o pezo; e se a unidade monetaria fosse representada por um pezo em numero redondo, se poderiam de certo fazer as contas e supputações em unidades de pezo do metal preferido para servir de padrão aos valores. Assim voltariam ao ponto de partida de que se

afastaram por causa da ignorancia publica e do embuste dos governos que continuaram a chamar *libra* de prata de 9,216 grãos ou de perto de 500 grammas o que em 1795 na introdução do systema metrico não valia mais que a centesima; foi nessa época, como é notorio, que se mudou o nome de *libra* que tinha um sentido positivo no de *franco* que tem um sentido figurado e que se fixou o pezo deste em cinco grammas.

EDUCAÇÃO POPULAR.

Nocções de geographia.

386 A terra é um ponto imperceptivel em relação ao universo. Designamos pela palavra *universo* o complexo de todos os grandes corpos espalhados na immensidade do espaço. Um sabio disse: — O universo é uma esfera immensa, cujo centro está em toda a parte e a circumferencia em nenhuma.

O céu é esse espaço indefinido em que brilham os astros, e onde a mão omnipotente desenvolveu as maravilhas da criação e instituiu a ordem admiravel que os astros seguem desde a criação do mundo.

A forma da terra, não obstante as desigualdades que existem na sua superficie, é redonda, achatada por dois lados, imitando a figura de uma laranja; as observações astronomicas demonstraram esta convexidade; por quanto, a sua sombra na lua por occasião de eclipse é um arco de circulo; os povos ao oriente veem surgir o sol mais cedo do que os do occidente; e á proporção que se progride para o norte ou para o sul descobrem-se novas estrellas ao passo que outras desaparecem. Está visto que o mar é tambem convexo; quando um navio se afasta do lugar do observador, este vai perdendo successivamente de vista o casco, as velas inferiores, e por fim as pontas dos mastros.

A circumferencia do nosso globo é de 9,000 leguas de 2,282 toezas cada uma, donde se segue que tem de diametro 3,000 das ditas leguas, e que metade deste ou o raio é de 1,500 leguas. As mais altas montanhas não se elevam a mais de 2 leguas acima do nivel do mar; rarissimos paizes ha collocados abaixo do nivel deste. As maiores profundidades a que o homem tem chegado nas minas não excedem 1,800 pés.

A superficie da nossa terra orça-se em 26 milhões de leguas quadradas; e a sua solidez em 12,300 milhões de leguas cubicas. O mar occupa duas terças partes da superficie do globo; comtudo a quantidade relativa de terras e aguas varia incessantemente; n'alguns pontos o mar invade quotidianamente os continentes, e n'outros as ondas se retiram e deixam em secco extensões de terreno mais ou menos vastos.

A physionomia exterior do globo está por tanto sujeita a perpetuas modificações, tanto que, attendendo-se ás revoluções physicas que em remotas eras arrasaram continentes e ilhas, se póde affirmar que a terra mudou de aspecto completamente, não se parecendo um só ponto com o que fôra primitivamente.

A substancia interior do globo é desconhecida; muitos sabios tem escripto a este respeito idéas contradi-

torias; alguns pertendem que esse centro é um pégo de fogo, outros o figuram cheio de agua, alguns collocaram ahi uma enormissima pedra iman: Diderot fórmava o nucleo da terra de certa massa vitrificada; a opinião mais admittida é a que reputa a massa interna do globo composta de materias metallicas em fusão pelo effeito do calor.

A terra gira sobre si mesma como se tivera um eixo, e tambem gira á roda do sol; sobre si mesma no espaço de 24 horas, ou mais exactamente em 23 horas, 56 minutos e 4 segundos; á roda do sol em 365 dias, 5 horas, 48 minutos e 45 segundos. Destas duas rotações resultam, por uma parte o dia e e noite, e pela outra o anno e suas estações. O movimento diurno faz-se sobre o eixo terrestre: linha imaginaria que passa pelo centro do globo, cujas extremidades marcam os dois pólos arctico e antartico.

Para facilitar o estudo da superficie do globo terrestre e a sua representação graphica, os astronomicos e os geographos o dividiram em circulos imaginarios. O equador e o meridiano são *circulos maximos*. O equador ou *linha equinoxial* divide a terra, de nascente a poente, em duas partes iguaes; uma septentrional ou do norte, chamada *hemispherio boreal*; outra meridional ou do sul, denominada *hemispherio austral*. O meridiano corta perpendicularmente o equador passando pelos dois polos, e reparte igualmente o globo em dois hemispherios, um oriental e outro occidental; cada linha tirada de um pólo ao outro e que corte o equador em qualquer ponto formando angulos rectos, é um meridiano.

Os *circulos menores* são os tropicos e os circulos polares. Os primeiros são situados parallelamente ao equador, do qual distam 23 grãos, 27 minutos e 57 segundos: o tropico de Cancer fica ao norte, e o tropico de Capricornio fica ao sul. Os circulos polares, igualmente parallelos ao equador e por consequencia aos tropicos, distam tanto dos pólos quanto os tropicos estão distantes da linha equinoxial. Um é o *circulo polar arctico* ao norte, outro o *circulo polar antartico* ao sul.

Não são porém, estas as unicas divisões que se imaginaram para melhor se entender a descripção e exame do globo. Repartiu-se a circumferencia da terra em 360 partes ou grãos, cada um grão em 60 subdivisões ou minutos, cada minuto n'outras 60 subdivisões ou segundos.

Foram igualmente inventadas a *latitude* e a *longitude* para determinar a posição respectiva dos pontos do globo.

A *latitude* é a distancia de qualquer ponto ao equador; é portanto septentrional ou meridional, conforme o lugar de que se trata fica ao norte ou ao sul da linha equinoxial. Ha 180 grãos de latitude ou fachas parallelas ao equador; 90 ao norte e outras tantas ao sul. O grão de latitude subdivide-se em 60 minutos, e o minuto em 60 segundos.

As 360 partes de que acima fallámos, contadas a partir de um primeiro meridiano convencional, constituem os grãos de *longitude*; portanto a *longitude* é a distancia de qualquer lugar a um meridiano fixado. Os grãos de latitude são todos de 25 leguas de 2,282 toezas; os de longitude só tem esta extensão debaixo

do equador, mas vão diminuindo á medida que se aproximam dos pólos.

Geralmente cada nação tem o seu meridiano de convenção: os francezes contam as longitudes do meridiano do observatorio de Paris: os inglezes de Greenwich, pequena cidade pouco distante de Londres; os alemães da ilha do Ferro, uma das Canarias, e nós do meridiano de Lisboa, e tambem do de Coimbra, e mais antigamente do que passava pela capital dos Açores.

(Continúa.)

CORRIDAS DE CAVALLOS, E SUA INFLUENCIA NO APERFEIÇOAMENTO DAS RAÇAS.

Por M. Richard, Director da Eschóla caudelica du Pin.

387 Os inglezes foram os primeiros que imaginaram formar uma raça de cavallos especial para este genero de espectáculo. Estes animaes, creados artificialmente para uma ligeireza momentanea em um terreno escolhido e preparado de antemão, são de uma natureza mui delicada e de um temperamento pouco apto para resistir aos trabalhos, para os quaes os cavallos de serviço e da tropa são creados. Em consequencia disto, o seu cruzamento com as raças francezæ não tem servido senão para as estragar, em vez de as aperfeiçoar. Eis o motivo por que hoje em França não existem especies boas de cavallos de sella.

Os cavallos para os jogos do hippodromo devem possuir uma conformação, que lhes dê grande ligeireza, e um temperamento nervoso e irritavel. É preciso que sejam fogosos, para poderem empregar, em uma ou duas corridas, toda a força locomotriz, de que forem capazes, para ganharem o premio. Não teem outro destino, senão o de galopar, por espaço de 4 a 5 minutos, para percorrerem um ou dois kilometros.

Os cavallos para o serviço, pelo contrario, devem ser socegados e doces. A qualidade de seus trabalhos exige que a força ande reunida á robustez.

A creação e sustento dos cavallos corredores requerem despezas e cuidados excepcionaes: carecem de cavalhariças com uma temperatura sempre uniforme, e coberturas de lã para os livrar do frio, de que se ressentem muito. Os cavallos de serviço, pelo contrario, devem resistir a toda a influencia atmosphérica, sobre tudo no exercito. A sua manutenção é facil e economica. Devem ganhar mais do que despendem.

Finalmente os cruzamentos dos cavallos de corridas com as especies francezas de serviço, não teem produzido senão mestiços difficeis de crear, debeis, de uma conformação irregular, e sem especialidade de serviço. Não são proprios, nem para as corridas, nem para os trabalhos ordinarios da industria e do exercito.

Em fim, M. Richard conclue — que as unicas raças de cavallos, que teem prosperado, ou que não

teem degenerado em França, são as de que a agricultura tem dirigido a producção: que as crusadas com os cavallos de corridas teem todas degenerado: que a perfeição do cavallo, como a de todos os animaes, é uma questão da observação das leis da natureza, e que este problema não pôde ser resolvido senão pelo seu estudo, applicado ao cruzamento das raças; e que é por se haver despresado este estudo, que as immensas despezas, feitas até agora com este objecto, teem sido mais prejudiciaes que uteis ao seu progresso.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

RECORDAÇÕES DE ITALIA.

VII.

Os monumentos de Genova.

(Continuado de pag. 364.)

388 Para visitar as settenta egrejas, sem contar as capellas e oratorios, que existem em Genova, seria necessario muito tempo, e um certo fervor catholico, que não é hoje muito vulgar nas almas arrefecidas do nosso seculo.

Não houve santo, na folhinha, de um certo vulto, acho eu, que escapasse a estas invocações religiosas. Genova — a *soberba* — torna-se humilde em presença do céu. As cidades são como os individuos: julgão-se absolvidas com estas demonstrações, como os outros *testando á alma*, ou fundando uma capella.

Deixemos esta questão quasi theologica. Estas materias não são o meu forte. Considerando sceptica e mundanamente este factó, direi que Genova seguiu a moda do tempo. Feliz moda de baixo do aspecto artistico: se não fosse ella, como poderíamos hoje admirar tantas obras primas de pintura, esculptura, e mesmo de lavor mecanico?

N'um passeio que demos, vi eu o tal palacete dedicado á memoria de Christovão Colombo. É construido com uma simplicidade verdadeiramente antiga. Nem se recommenda pelo tamanho, nem pela profusão dos ornatos. É concisamente bello, como essas ruinas que nos restam do Grecia de Pericles, e de Alcibiades.

A quem pertenceu esta idéa, tão generosamente patriota? A dois pobres homem do povo, enriquecidos de repente pela herança de um desses tios das Indias, de que tanto tem abusado os

fasedores de melodramas, e de romances, lacrimosos e patheticos. É este um facto, que denuncia as tendencias de um povo, Genova, ou se veja tutelada pela aristocracia, ou dominada representativamente pelo governo sardo, nunca poderá curvar-se de boamente á sua situação politica. As suas aspirações são democraticas, e não comprehende estas bastardas transacções, com que se rebocam as classes apodrecidas, e se ampara a queda de symbolos degenerados e perdidos na opinião.

O marmore do edificio lá estava cravejado de balas, poupadas em Novara, quando se tratava da independencia italiana, despendidas prodigamente em Genova, quando se tratava de esmagar o povo, e de lhe callar o grito espontaneo, e generoso. Os donos da casa, ardentes patriotas, conservam-n'as como um tropheo. Fiquem alli muito embora, para lembrar perpetuamente a divida contrahida, e que deve ser tarde ou cedo paga!

Vamos á Cathedral — aonde ha muito que vêr, e aonde um homem se esquece de todas estas preoccupações politicas, que mais ou menos nos despontam na imaginação.

A fachada é construida em duas épocas principaes, differença facilmente perceptivel: uma parte em 1100, e a outra em 1523, durante a magistratura do doge Ottaviano Fregoso.

Ha tres estilos dominantes e que retratam as épocas: o bysantino, o italiano da meia idade, e o grego moderno.

Dizem, e é pelo menos de crença implicita para os fieis, que as cinzas de S. João Baptista estão na Cathedral. Na capella destinada ao precursor, se admira a sua estatua, e a da *madona*, e do menino, tem no pedestal o nome do auctor — um grande artista!

Mal podemos lançar os olhos para as pinturas, mais ou menos estimadas, mas aonde se não encontra obra de nenhum dos principes da arte. Era Veneza então que triumphava, e pagava, a peso de oiro, os pinceis de Ticiano, de Tintoreto, e de Veronese.

Partimos para o palacio Serra, animados, sinceramente, de tanto acatamento religioso e christão. Queriamos vêr uma Venus, presenciar os saltos d'um fauno, affagar as madeixas de uma bacchante furiosa, sentir e vêr alguma coisa de prophano, aproximarmo-nos da terra, que já não tinhamos folegos para subir mais alto, nos esplendidos espaços da adoração.

Para fazer idéa da magnificencia, é necessario dar um passeio pela *strada nuova*. É a todos palacios; cada qual mais magestoso, mais imponente, mais soberbo, com as suas fachadas, com as suas entradas sumptuosas, com os seus estuques e marmores.

O que é de notar, é que as antigas familias que os possuem, não os habitam. Vivem mais longe, desterradas em más casas, como se se julgassem indignas daquelle esplendor.

É longa a lista destas habitações, verdadeiramente reaes, que faziam dizer a Stael, que *Genova era uma cidade edificada por um congresso de monarchas*.

É o palacio Reale, na *strada Balbi*. O palacio Adorno, na *strada nuova*. O palacio Raggio, na *strada del campo*. O palacio Spinola, na praça *di pellicceria*. O palacio Brignole, vulgarmente denominado o palacio *rosso*, na *via nuova*. O palacio Balbi, na *strada Balbi*. O palacio Brignole, na *strada nuovissima*. O palacio Pallavicini, na *piazza delle fontane amorse*. O palacio Cambiaso, na *strada nuova*. O palacio Negrone, na praça *delle fontane amorse*. Palacio Negrotto, *piazza del Guastato*. Palacio Gavotto, *vicino al portello*. Palacio Pandi, *strada nuova*. Palacio Doria, palacio Raggio, palacio Spinola, Cutaldi, Brignole sale, Gambaso, Palavicini, na *strada Carlo Felice*, Peloso, Pessaglio, Delferrari, Centurione, Odero, Durazzo, Gavotti, na *piazza Garibaldi*, e mais outros, que seria longo e fastidioso referir.

Estes marinheiros, e commerciantes, que tinham n'uma das mãos a espada, e na outra o oitante; que combatiam, e negociavam a um tempo, não se despediram da vida, sem atirarem nobremente os seus thesouros ao regaço dos artistas, e eternisarem em marmore a fama das suas victorias.

Qual será a razão porque em Portugal, a nossa aristocracia, nem deixou de si essa memoria? Como é que ella se resignou a esconder as suas riquezas em ignobes pardieiros, e que moribunda, abandonada do antigo heroismo, não quiz denunciar ao mundo, que merecera os cantos de Camões, e os capitulos de Barros e de Couto?

Eu respondo, e parece-me não errar no meu juizo. É que a omnipotencia monarchica cedo absorveu os orgulhos da fidalguia. É que os peitos fortes despiram a armadura, para vestirem e libré do cortesão. Classe eminente, e ao mes-

mo tempo serva, não era nas medidas do paço que podia encontrar essa altivez, essa consciencia do seu poder, e da sua gloria, que dá o desejo grandioso da immortalidade historica. Morriam contentes vendo o seu nome no *fóro grande*, e a sua genealogia no *livro dos costados*. Depois, durante o reinado da dynastia bragantina, era tão remota sempre a influencia milagrosa dos feitos antigos. . . . Abanavam o lume, punham a toalha, ordenavam os manjares, ferravam os cavallos dos seus monarcas; com estes apreciaveis e *honrosos* deveres, esqueciam-se de tudo — do passado e do futuro: e quando o povo se agitou, não tiveram força para lhe resistir — pactuaram: deixaram-se dominar pelos *mercieiros* e *barões novos*, e não tarda que façam causa commum com elles.

Isso pouco nos importa, a final: incommodo, e seccante, seria, que eu e o leitor ficassemos á porta, a fazer dissertações, quando o digno *cicerone* do palacio Serra, já abre os dentes n'um sorriso prasenteiro, e mede com o seu olhar penetrante as nossas phisionomias, para nos calcular a força pecuniaria da bolsa, e a generosidade do animo.

Entrêmos.

LOPES DE MENDONÇA.
(*Continúa.*)

O PORTO SAUDOSO.

À saída do cadaver de S. M. Carlos Alberto.

389

Levae, Sardos, levae do heroe finado,
Esses restos mortaes da Magestade. . .
Mas com elles levae nossa saudade,
Pela perda do inclito hospedado.

Do nosso grande Pedro, igual soldado,
Adoça a nossa amarga soledade
Existir entre nós nesta cidade,
Seu regió coração, terno legado! . .

Porém do vosso Rei, bravo guerreiro,
Do forte Piemontez, Alberto invicto,
Só nos fica o brasão hospitaleiro.

Com seu corpo levae o nosso grito
De saudade, e de affecto verdadeiro,
Para ser em Turim no bronze escripto.

Mira, Setembro de 1849.

FRANCISCO JOAQUIM BINGRE.

À chegada a Turim dos restos mortaes do seu grande Rei, Carlos Alberto.

Vem Saboyano heroe, invicto Alberto,
Unir-te aos mausoleus de teus maiores. . .
Vem mitigar um pouco as nossas dores
De termos, grande Rei, teu corpo perto.

O teu Turim sem ti era um deserto;
Pois contigo um jardim já foi de flores,
Antes que o torvo Marte em seus furores
Às furias o alçapão deixasse aberto.

Vem hospede infeliz do luso Douro
No italico pantheon da heroicidade
Repousar das fadigas com teu louro.

Aqui ha de guardar nossa saudade
Os teus restos mortaes em urna de ouro,
Corajoso campeão da liberdade.

Mira, 31 de Outubro de 1849.

FRANCISCO JOAQUIM BINGRE.

NOTICIAS E COMMERCIO.

THEATRO DE S. CARLOS.

390 O beneficio da Sr.^a Monticelli foi um bello triumpho para esta distincta artista.

Os repetidos aplausos, com que foi recebida a dança — O Vêu encantado — redobraram no passo hispanhol de sua composição, que dançou com reconhecida graça e primor. O passo teve as honras do *bis*; e a Sr.^a Monticelli, apesar do grande trabalho da noite, prestou-se, com a melhor vontade, a repetir o passo. Foi chamada á scena repetidas vezes, e victoriada com aplausos e flores, entre as quaes se distinguiam duas lindas corôas. A Sr.^a Monticelli deve estar satisfeita do apreço, que o publico desta capital acaba de dar ao seu distincto talento.

LOUCURA.

391 A primeira dama do theatro lyrico do Porto, Luiza Abbadia, endoideceu em scena.

Este lastimoso e inesperado acontecimento consternou todos os espectadores. Viram-se lagrimas em muitos olhos, e a consternação em todas as phisionomias. Luiza Abbadia tem sido uma grande cantora. No auge

da sua gloria, muitas vezes, foi coroada de flôres, vendo o palco juncado de corôas. O entusiasmo com que se deu á execução das operas de Verdi, lhe trouxe mui cedo o occaso da sua carreira artistica. É provavel que a causa desta desventura fossem as saudades da sua gloria, e o padecer da sua alma, que já não achava na voz o interprete porque suspirava a poesia do coração.

AÇOUGUES EM PARIS.

392 Da discussão que tem havido em França, a proposito do regimen absolutamente livre da venda da carne, vimos em um artigo importante tirar como resultados — que o preço dos cereaes está 25 por cento abaixo do custo da produção — e que os agricultores para os não sacrificarem, ao baixo preço, recorrem ao triste expediente de vender o gado. E por este modo se tem promovido uma abundancia occasional de gado no mercado, a qual não pôde servir de regra como facto incontestavel. Esta abundancia não pôde provir da importação de gado estrangeiro, por quanto na sua importação se paga por cada boi 55 francos, e por cada carneiro 5 francos e 50 centimos.

FACTOS CURIOSOS.

393 — Celebraram-se ajustes entre os directores dos caminhos de ferro de South-Eastern, e os de Boulogne e Amiens, e do grande caminho do norte da França, em virtude dos quaes partirão de Londres para Paris e *vice versa*, diariamente a contar do 1.º de maio, trens especiaes e de fórma que alcancem as horas da maré, e possa effectuar-se toda a jornada em 11 horas, gastando-se na passagem por mar somente duas horas.

— Ha em Londres uma sociedade para promover a emigração de pessoas do sexo feminino; em 26 de abril, com o patrocínio desta associação, embarcaram em Gravesend, para a Australia do Sul, a bordo do navio *Malaca*, de 700 toneladas, 36 mulheres. Acompanharam até o ponto de partida o Rev.º M. Quickelt e alguns cavalheiros que tomam parte activa nos progressos da associação.

— Dos edificios de Roma que mais padeceram durante o ultimo sitio posto pelas tropas da republica franceza, foi o mais damnificado a antiga basilica de S. Pancrácio, assente no monte Janiculo, da banda de fóra das muralhas. Pelas fervorosas diligencias do padre Ignacio, da congregação de S. Filippe Neri, as obras da restauração correram tão rapidamente, que estava annunciada a nova abertura do templo para o dia 27 de abril.

— Nos departamentos de França vae proceder-se, por ordem superior, a um recenseamento das cabeças de gado que ha em cada um. O resultado desta operação será verificar os recursos da França, pelo que respeita ao fornecimento de carnes verdes para consumo.

— O sino grande da cathedral Notre-Dame de Paris, tocou na passada festa da Paschoa, depois de um silencio de 3 annos, causado pelos reparos que se faziam na torre. Foi fundido em 1682, poz-lhe o nome de Manuel, seu padrinho Luiz XIV. Anteriormente eram precisos 16 homens para o tanger e dobrar nas festas solemnes; agora bastam só 4, em rasão das alterações e aperfeiçoamento que se fizeram nos braços e mais aparelhos.

— A toalha monstro, extraordinario specimen das manufacturas inglezas, chegou de Barnsley a Londres no dia 21 de abril ultimo; e seria exposta ao publico, no dia 28, na meza de banquete no arrayal de todas as nações. Tem de comprimento 460½ palmos e 12 de largo, e de pezo 224 arrateis.

— O editor do *Bangor Mercury* diz que conhece dois individuos, que são primos e ambos do mesmo nome, dos quaes eram irmãos os paes, irmãs as mães, e são irmãs as mulheres. Desafia quem quer que seja que lhe appresente outra coincidência egual.

ANECDOTAS DA ASSEMBLÉA FRANCEZA.

394 Ao lado da parte séria e digna de estudo dos trabalhos da assembléa nacional franceza, se passa tambem uma parte anecdotica, que os jornaes não deixam de registrar.

Em Fevereiro do corrente anno lêmos entre outras anedotas as seguintes. Um deputado usando do direito de iniciativa propoz, que fosse permittido casarem-se os padres; a assembléa como era de esperar não tomou tal proposição em consideração.

Em virtude do direito de petição, um cidadão requereu, que cada deputado da assembléa tivesse a bondade de lhe ceder um dia de vencimento. É um expediente certamente mais lucrativo, se fosse realiado, do que um dos nossos beneficios das victimas de... todos os acontecimentos.

Outro cidadão requereu que Luiz Bonaparte recebesse a denominação de *homem util*.

MEMORIAS DE UM HOMEM DE JUIZO.

(Continuado de pag. 407.)

Dia 25 de Janeiro de 1851.

395 O juramento de bandeiras fica impresso n'alma; e ainda que desligado do serviço do 4.º regimento de artilharia, terceiro corpo em que fui voluntario e me apresentei prompto á minha custa, não deixei murchar em meu peito os loiros que enobreceram meu solo, e com que sahi pelas portas do Arsenal de Marinha em 1812, e em 1814 reverdecidos. Estes dotes preciosos excitam-me sempre a fiscalisar os negocios da minha patria, e os meus que se identificam nella; prasa ao divino auctor das existencias, que não sejam malogrados meus esforços, e que se tornem bemitas as minhas diligencias; que assim serão ornadas de novas palmas e ramos de oliveira as minhas triumphantes armas em cruz de campanha.

Folha corrida em 13 de Janeiro de 1851.

Auto de guerra, illucidação no valor da cruz de campanha da guerra Peninsular.

Relação de feitos de armas no equilibrio da pena de morte, quando o militar atraiçoa o seu juramento de bandeiras, ou quebranta algum dos artigos de guerra, e em campanha.

Ordenação, deriva-se de ordens — Fôro militar. Assim foi formada a ordenação dos romanos em disciplina militar, tem esta a formação da propriedade, a força do direito publico universal, o direito dos homens illustres, o direito das gentes perante Deus e o mundo.

Lei, é o resultado de uma convenção federal, que adquire esse nome e essa voga depois de passar por tres leituras, em que a federação a constitue como tal. É esta lei, e são estes pactos sociaes violados, porque não tem direito; este só se funda naquelle adquirido pelas armas, o que aconteceu em Portugal e dominios depois da guerra Peninsular.

A cruz de campanha, que recebi do estado maior do 4.º regimento de artilheria constitue-me no direito de haver propriedade segundo o que diz a ordenação «...aquelle que servir a republica com carta branca haverá terreno, que amanhará ou dará a amanhar, aforará, doará, venderá etc.» Por tanto eu defensor do throno e do altar, eu que desligado do serviço do regimento jurei a constituição no Brasil (a exemplo do exercito que a proclamou e das diferentes auctoridades; com os principes reinantes em o mez de Fevereiro de 1821. Eu Antonio José Pedro, actor portuguez, e que cheguei a Lisboa em Agosto de 1822 aonde recebi a referida cruz que confirmou o direito da minha espada laureada, eu que não conspirei nem proclamei, sou o directo senhorio da terra em que tremula a bandeira da cruz, sendo egualmente o proprietario de armas, arsenaes e munições de guerra, segundo o disposto e jurado nos artigos de guerra e bandeiras portuguezas não violado; e no direito de egualdade perante a lei constitucional.

O crime militar não muda o seu character por ser perpetrado por um exercito. A conspiração é um crime condemnado a pena de morte, mas no caso da conspiração de 1820 tive o perdimento de direitos adquiridos na conquista de Portugal terminado no anno de 1814. Estes direitos de corôa e ordens de modo algum pertencem ao povo que não tem fôro, direito militar em serviços relevantes, direito de sangue de martyr.

A Sr.ª D. Maria I ordenou que os que houvessem de possuir morgados assentassem praça no exercito para o fim de os poderem obter; isto foi em tempos anteriores em que ella sustentava as redeas do governo. Claramente se ve que o producto das commendas e morgados pertence ao novissimo direito militar sem mancha, com o attestado, cruz de campanha pelos meus attestados e proclamados merecimentos em campanha em occasiões de fogo, usando da minha arma, artilheria.

A força bruta pôde fazer o que fizeram os da inde-

pendencia do Brasil, porém este estado não tem direito divino, e nem humano, e quem ouviu o meu juramento de bandeiras e me conserva a existencia, me vingará.

Depois de servir voluntariamente em um corpo de cassadores, e em outro de artilheiros 2.ª linha, passei tambem pelo requerer para o 4.º regimento de artilheria, depois de haver feito parte da guarnição das baterias de defeza de Lisboa no forte que defendia a estrada sobre os marcos do termo, lançados alli por ordem da Sr.ª D. Maria I no seu reinado durante o seu governo. Foi desta Augusta Senhora que recebi uma benção quando hia para Queluz, e a encontrei na sua carroagem parada no Alto da Porcalhota, e foi ella celebrada pela admiração com que fui admirado pelo segundo tenente José Maria de Mello Breyner, pelos cadetes e mais praças que alli se achavam destacadas do regimento de artilheria n.º 4, isto a ponto de me pedirem que mettesse na minha escola as praças daquelle regimento, era então o 1.º sargento da 4.ª companhia do batalhão de artilheiros de Lisboa Oriental. Esta empreza militar executado á vista da 1.ª linha, e em occasiões de fogo com o exercito francez grangeou-me o convite para o 4.º regimento. Foi esta passagem concedida com a condição de ir em simples soldado para me reconhecer cadete, ou para esperar que o tempo fizesse medrar o meu talento, e me abrisse caminho.

No 1.º de Janeiro eu Antonio José Pedro, fardado á minha custa, e armado da minha espada; cujo punho é obra das minhas mãos, assentei praça e jurei bandeiras, votando o meu corpo e a minha alma á defeza da minha cara patria, da minha augusta soberana que me abençoou, e de sua excelsa familia. No 1.º de Janeiro a praça, e em Outubro no quartel general, tudo em 1811; occasião de ser introduzido na camara do exm.º general em chefe, junto á real pessoa; elogiado por este em materia scientifica e honrado pelo seu ajudante de campo que me acompanhou até á escada.

Já fica sufficientemente demonstrado quem sou. Como a gloria não tem corpo, por maior que seja, sempre se julga assumir-se, e as almas que se alimentam deste sagrado gaz carecem desenvolvê-lo a miudo, a fim de que se conservem electrizados.

(Continúa.)

SAINFOIN OU ESPARCETO.

É actualmente o tempo mais proprio da sementeira deste prado artificial, o melhor até hoje conhecido, para terrenos seccos, ruins, e pobres: aquelle a que os mais celebres escriptores de agricultura dão os maiores elogios; e que não só dá alimento para os gados, mas fertilisa o terreno.

Vende-se na rua dos Fanqueiros n.º 82, andar 1.º — 800 réis o alqueire. Dão-se abi gratis as Instrucções para a dita sementeira.